



ESCRITA, EXPERIÊNCIA E MEMÓRIA: UMA LEITURA DE *BECOS DA MEMÓRIA*, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Luciane Nunes da Silva¹

Um olhar sobre a produção literária afro-brasileira

A produção literária chamada contemporaneamente de afro-brasileira tem sido, no terreno da crítica, vez ou outra, questionada quanto à validade de sua natureza. As vozes que se levantam muitas vezes atualizam velhas dicotomias como a oposição entre forma e conteúdo, o mito da suposta incompatibilidade entre “literatura engajada” e “reflexão/ consciência estética”, chegando-se à recente divisão entre literatura canônica e literatura não-canônica.

Para Eduardo de Assis Duarte (2009), o conceito de literatura afro-brasileira está longe de representar um consenso entre os estudiosos. À luz do que o crítico propõe em seus estudos, em meio à grande polêmica que permeia a questão, os textos que caracterizam tal produção estariam associados a um conjunto de marcas discursivas como uma temática afro-brasileira, construções linguísticas indicadoras do que, segundo o crítico, poderíamos chamar de uma afro-brasilidade de tom, de ritmo, de sintaxe e de sentido. De outro modo, esses textos também assinalariam um lugar de enunciação diferenciado. Nas palavras do autor, “um *lugar de enunciação* que conforma um *ponto de vista* política e culturalmente identificado à afro-descendência, como fim e começo”². Este ponto de vista “política e culturalmente identificado à afro-descendência”, inevitavelmente, tenderá a uma representação crítica das condições de vida e de sobrevivência do afro-brasileiro, numa sociedade marcada por relações discriminatórias e profundamente excludente.

Diferente da tradição literária brasileira que, historicamente, consolidou uma representação do “socialmente excluído” de forma preconceituosa e/ou artificial, em alguns momentos com maior ou menor traço naturalista, os socialmente e/ou etnicamente excluídos que habitam as páginas da literatura afro-brasileira ganham profundidade psicológica e existencial. Além de uma beleza lírica e de uma “aura” construída a partir de um forte tom propositivo de novos modelos de sociedade e de novas relações *em* sociedade. Nesta perspectiva, pode ser vislumbrado um novo

¹ Doutora em Estudos de Literatura, professora da Universidade Estácio de Sá/ RJ. E-mail para contato: lucianenunes@uol.com.br.

² DUARTE, Eduardo de Assis. “Na cartografia do romance afro-brasileiro- Um Defeito de Cor de Ana Maria Gonçalves”. In LAHNI, Claudia Regina *et al* (orgs.). *Culturas e Diásporas africanas*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, P.21.



ambiente na narrativa literária. Ambiente que, mesmo tecido com explícito viés realista, não confina o homem à miséria, à violência ou à crueldade da vida, muito menos à adversidade do próprio meio que, poderosamente, atua sobre o destino das personagens. Ainda sob uma atmosfera de conflito e de contradição, o humano triunfa.

Na literatura africana de língua portuguesa, observamos construções similares em Luandino Vieira e Mia Couto. Ambos os autores são grandes mestres de um lirismo que nasce da tensão do homem frente à hostilidade do meio, à guerra, à exploração, à violência e à fome, reunindo, simultaneamente, uma representação realista e caótica da realidade e um profundo respeito, afeto pelos homens que nela se encontram aprisionados. Personagens como Vavó Xíxi e Zeca Santos³, de Luandino, constituem uma denúncia da miséria a que o africano foi submetido por uma elite branca colonial que subjugou o povo de Angola. Tais personagens não são tragados pela miséria, embora a ela indiscutivelmente estejam submetidos. Suas vidas e seu potencial humano transcendem às condições do meio, retratado com todo realismo necessário para que se tornassem explícitos os excessos de uma sociedade excludente, desumana e racista.

A leveza da Vavó, a sua capacidade de rir e de burlar a fome e a miséria, sem banalizá-las, comprovam a supremacia do homem, sua inteligência, suas criatividade grandeza, integridade e beleza - que nenhuma força opressora e condição desumana poderão suplantar. É o triunfo do homem excluído, valorizado em sua humanidade e potência de vida. Neste sentido, os problemas sociais denunciados claramente resultam de um sistema político-econômico injusto, não de supostos desvios ou atitudes individualizadas daqueles que sofrem suas consequências.

Em Mia Couto, essa perspectiva é atualizada. Em suas narrativas também assistimos à emergência do homem moçambicano em contraste com a adversidade e a hostilidade do meio. Mesmo enfrentando a guerra, a violência, a miséria, a fome, também do caos emergem a grandeza, a força de homens e mulheres cujas vidas foram solapadas pela opressão, pelo autoritarismo, pelo preconceito racial, pela ganância. A metáfora da terra sonâmbula, em *Terra Sonâmbula* (1993), embora sugira uma quase impossibilidade de reconstrução do meio, assinala uma crença no homem e, em especial, em sua capacidade de narrar, ler, escrever, enfim, de fazer literatura para preservar a sua história, para (re)descobrir-se e ressignificar o mundo.

Os textos de Conceição Evaristo, escritora contemporânea nascida em Minas e radicada no Rio de Janeiro, também se inscrevem nessa linhagem e, por força de seus enunciadores, também

³ Protagonistas do conto “Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos”, publicado por Luandino Vieira, em seu livro *Luuanda*, publicado em 1964.



interferem em nossa sociedade potencializando suas contradições e, ao mesmo tempo, propondo novos modos de significá-la, ressaltando a importância de experiências e histórias vividas e contadas por homens e mulheres cuja existência, devido a um processo histórico injusto e excludente, fora negada tanto no universo ficcional quanto na vida social e política.

Experiência e Memória

Conceição Evaristo define-se e é reconhecida como escritora afro-brasileira, no Brasil e no exterior. Em artigo de apresentação da coletânea *Questão de pele* (2009), a autora assim se posicionou a respeito da relação entre hegemonia político-econômica e os processos de legitimação de obras literárias:

Sabemos que as várias instâncias do poder se imbricam entre si como vasos comunicantes, o que permite às classes detentoras e próximas do poder político-econômico serem, elas mesmas, produtoras, mantenedoras, divulgadoras e consumidoras de seus próprios produtos culturais. Executando movimentos autocentrados, ignoram, menosprezam, deslegitimam modos de saber nascidos em espaços diferenciados dos seus.⁴

Desse modo, interessa investigar em que medida “os modos de saber nascidos em espaços diferenciados” dos da elite configuram uma forma específica de fazer literatura, numa sociedade ainda marcada, como destaca a escritora e crítica, por uma concepção de cultura – e por extensão, de literatura – predominantemente elitista e eurocentrada. Seguindo esta linha, é importante demarcar o modo como escritores como Evaristo transformam modos de saber nascidos nos subúrbios, nos porões das antigas casas grandes, nos matagais das extintas lavouras, nos casebres das periferias, em formas de representação literária.

Como destaca Laura Padilha⁵ (2007), para os povos africanos, o ato de “contar história”, fazer ficção, era uma forma de liberar a força de seu imaginário e do seu grupo, transformando o contar e o ouvir em um ato coletivo. Segundo a autora, pela voz do contador, por-se-ia a circular a carga simbólica da cultura local, o que permitiria a sua permanência. “Narrar-contar” seria um ato de resistência do autóctone diante da imposição da cultura européia. O impacto entre a oralidade e a escrita, naquele contexto, distinguiria práticas, povos e modos de ver o mundo. A escrita, caracterizando a cultura do dominador, e a oralidade, a ancestralidade e as tradições locais. Considerando que “*Tudo dentro do espaço da vida comunitária africana se construiu/destruiu, por séculos, pela eficácia da voz que tanto re(in)staurava o passado quanto impulsionava o presente.*”

⁴ EVARISTO, C. “Questão de pele para além da pele”. In RUFFATO, L. (org.). *Questão de pele*. RJ: Língua Geral, 2009.

⁵ PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. 2ª edição. Niterói: EDUFF, RJ: Pallas Editora, 2007, p.35.



(...)”⁶, a oralidade e memória tornam-se matéria imprescindível ao processo de criação de escritores africanos e afro-brasileiros. Nesta perspectiva é através delas que são erigidos discursos e edificados mundos que dão vida a homens e mulheres afro-descendentes na literatura brasileira contemporânea. Em tais escritos, não raro, os narradores atualizam o esforço do *griot* em preservar o saber dos ancestrais, reconhecendo-se neles, inspirando-se nas glórias e derrotas do passado para transformar o futuro.

No conto “Duzu- Querença”, de Conceição Evaristo, o passado, o presente e o futuro se encontram, se encarnam, no sonho de felicidade e de transformação social nutrido pela menina Querença que, ao ver o corpo morto da avó mendiga, num misto de dor e esperança percebe os nexos entre a trajetória de luta e sofrimento de seus ancestrais e as péssimas condições de sua vida e da de todos os moradores da favela. O narrador nos diz “ *Querença havia de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida. Encontrar novos caminhos.*”⁷. Importa destacar que a menina somente apodera-se de sua história, percebendo a grandeza de sua própria existência, quando a realidade lhe é desvelada pela morte da avó. No corpo magro e esmolambado de Duzu-Querença, Querença vê tios e tias, todos os velhos e novos (vivos e mortos) da família e recusa possibilidade de destino para sua descendência. Algo precisava ser feito e ela se dispõe a fazer. Mesmo com lágrimas nos olhos, a menina aceita o desafio de transformar o seu e o futuro dos seus.

O narrador criado por Conceição Evaristo, atualiza na menina Querença gerações de mulheres e homens anônimos, cujas vozes foram silenciadas pelo poder, pela miséria, pela exclusão. Ao fazer isso, a autora funde à experiência da personagem a sua própria trajetória de educadora e de escritora militante. Nesta perspectiva, podemos dizer que a narrativa de Evaristo filia-se à tradição das narrativas primitivas, cuja grandeza encontrava-se no seu papel formador e na sua profunda interação e integração à história e à vida da comunidade. Segundo Benjamin⁸, a experiência que passa de pessoa a pessoa deve ser a fonte de todas as narrativas que, de acordo com o teórico, também deveria ter uma dimensão utilitária.

Em “Olhos d’água”⁹, o ato de narrar metaforiza o reencontro do afro-descendente com o seu passado, num movimento de ressignificação dos elementos de sua história, a partir de uma releitura e reorganização dos fragmentos da memória. Simultaneamente, ao desatar os pontos incógnitos do

⁶ Ibidem, p.37.

⁷ *Cadernos Negros*. SP: Quilombhoje, 1995, v. 16.

⁸ BENJAMIN, Walter. “ O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Obras Escolhidas*. 7ªed. SP: Brasiliense, 1994, p.197-221.

⁹ *Cadernos Negros*. SP: Quilombhoje, 1995, v. 28.



passado, a narradora, no presente, reconfigura a sua própria identidade. Reinterpretando presente e futuro, abrindo novos eixos de compreensão de si mesma e de sua descendência.

A narradora de “ Olhos d’água”, ao rever seu passado, descobre a divindade de sua linhagem. Nos olhos da mãe, as águas que eram, por um lado, marca de sofrimento, fome e miséria, por outro, atualizavam a profundidade e os mistérios dos orixás. Olhos de Mamã Oxum, fundindo o humano ao divino, alinhavando presente e passado, tecendo fios diferentes de uma história em continuidade. “*Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas*”, diz-nos a narradora, assinalando a sua singularidade e instaurando uma nova “teia simbólica” de compreensão de si mesma e das coisas do mundo.

Memórias dos Becos: escrita da esperança

Em *Becos da Memória* (2006), Conceição Evaristo reconstrói, a partir da memória, experiências e saberes herdados por africanos escravizados no Brasil, compondo uma narrativa entrelaçada por vozes de afro-descendentes de diferentes gerações , em cenários que vão desde o ambiente da lavoura até o espaço das favelas das grandes cidades. Apesar da flexibilidade no tratamento do tempo e do espaço, é a favela o lugar de confluência de histórias, de saberes, de sonhos, de sofrimentos, de desejos de transformação do presente/futuro e, também, de esperança. No início do texto, a autora já nos apresenta uma narradora que também se coloca no lugar dessa confluência de saberes, de tempos e lugares e de experiências. É a partir dessa motivação que ela se dispõe a escrever. Desses “modos de viver e de atribuir sentido à realidade a narradora diz nascer a sua escrita..

A história é uma homenagem aos moradores de uma favela prestes a ser demolida. Sob a ameaça do despejo, da desapropriação não-planejada, vidas e sonhos, experiências e saberes, são postos em risco. Como participante e observadora de todo esse processo, a menina Maria- Nova, tempos depois, transforma-se em porta-voz das alegrias, sofrimentos e esperança de todos que habitavam aquele espaço, homenageando os “*Homens, mulheres e crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela.*”¹⁰. Nessa perspectiva, confirma-se a idéia de uma escrita construída a partir de uma rede de solidariedade, bela e dolorosa, que impõe à menina a missão de engajar-se , comprometer-se com a vida de seus semelhantes.

¹⁰ EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.



Ao longo do texto, observa-se que a menina constitui-se como sujeito à medida que ouve e traduz as histórias de seus antepassados e de seus “irmãos” do presente.

“Maria- Nova crescia.Olhava o pôr-do-sol. Maria- Nova lia, Às vezes, vinha uma aflição, ela chorava, angustiava-se tanto! Queria saber o que era a vida. Queria saber o que havia atrás, dentro, fora de cada barraco, de cada pessoa.¹¹

Aos poucos, a personagem conscientiza-se de que a angústia que sente, somente diminuirá, quando além de ouvir, conseguisse partilhar o material que lhe alimentava a vida: “*Sabia, porém, que aquela dor toda não era só sua. Era impossível carregar anos e anos tudo aquilo sobre os ombros. Sabia de vidas acontecendo no silêncio. Sabia que era preciso pôr tudo para fora, porém como, como?*”¹². A vocação de escritora seria consolidada um pouco depois, quando, na escola, a professora pediu a Maria-Nova uma opinião sobre a “libertação dos escravos”:

Maria-Nova levantou-se dizendo que, sobre escravos e libertação ela teria que contar muitas vidas. Que tomaria a aula toda e não sabia se era bem isso que a professora queria. Tinha que contar sobre uma senzala, que, hoje, seus moradores não estavam libertos, pois não tinham nenhuma condição de vida. (...) Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora.(...)Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente¹³.

A vocação que Maria-Nova assume se coaduna ao sonho de transformação nutrido pela menina Querença. Ambas anunciam o novo, a possibilidade de se instaurar uma nova ordem no mundo a partir dos princípios da solidariedade e da justiça. Na contramão dos excessos da sociedade burguesa, a narrativa afro-brasileira anuncia ao mundo a força transformadora de experiências transformadas em matéria “narrável”. Como registrou Walter Benjamin, o homem moderno, de uma forma geral, ficou mais pobre por abandonar “*uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano*”¹⁴. Em seu esforço de atualização e apego aos signos do capital e da modernidade, o homem teria se despreendido do passado e de uma idéia transformadora de arte, desvinculando-se de sua própria história e de si mesmo. Como conseqüência, a humanidade estaria entregue a um presentismo e a um pragmatismo improdutivos no campo das artes e da organização social, responsáveis pelo materialismo, pelo individualismo e pela acomodação frente à exploração humana. Mesmo estando na outra ponta de todo esse processo de modernização da sociedade, no qual estamos todos envolvidos, Conceição Evaristo, Querência e Maria-Nova metaforizam possibilidades de contenção do ritmo dessa engrenagem: uma tentativa de conter o passado,

¹¹ Ibidem, p.35.

¹² Ibidem, p.73.

¹³ Ibidem, p.137-138.

¹⁴ BENJAMIN, W. “Experiência e pobreza”.*Op.Cit.* p.119.



transformando-o em matéria viva de alteração positiva do presente, subvertendo-o em literatura , para assim, contribuir para construção de um *novο* futuro.

Bibliografia

ABDALA JUNIOR, Benjamin. “Imagens de um kalunga colonial”. In: *A Kinda e a misanga: encontros brasileiros com a literatura angolana*. SP: Editora Acadêmica, Luanda: Nzila, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, vol.1).

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. RJ: Nova Fronteira, 1995.

EVARISTO, Conceição. “ Duzu – Querença”. In: *CADERNOS NEGROS*,v.16, SP: Quilombhoje, 1993

_____. “ Olhos d’água”. In: . *CADERNOS NEGROS*,v.28, SP: Quilombhoje, 2005.

_____. *Becos da memória*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

GLISSANT, Édouard. *Introdução a uma poética da diversidade*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LAHNI, Claudia Regina, DELGADO, Ignácio José .Godinho, ROCHA, Enilce.A, MENEGAT, Elizete M., ANDRADE, Danúbia (orgs.). *Culturas e Diásporas africanas*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

PADILHA, Laura. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SALGUEIRO, Maria Aparecida A. *Escritoras negras contemporâneas*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

VIEIRA, Luandino. *Luuanda*. São Paulo: Ática, 1990.